

EXTENSÃO ESCOLAR AVÁ-CANOEIRO- IKATOTE: MINHA EXPERIÊNCIA DE VIDA SOCIAL E PEDAGÓGICA COM O POVO AVÁ- CANOEIRO

Iranildo Arowaxeo'i Tapirapé/

IMAATOREJXEÁWA

Aga marageta pe a'eramo ekwe âkome'o marygato Avá-Canoeiro pyri maxepkwãra re arate'omaawera. Epe a'eramo kwakaj ie âte'omat wekawo marama'eãra ramõ, Koxanawiro'i xowe kwakaj ate'omat akawo axemi'oapa ma'e ramõ. Axekwe kwakaj arewaxa gy ixema'e epe akawo ranõ.

XE'EGETEAUYMA: Xema'eãwa. Te'omara. Xamawiteãwa. Xe'ega. Teka.

RESUMO

Neste texto apresento as experiências de vida social e pedagógica que eu e a minha família tivemos com o povo Avá-Canoeiro, quando tive oportunidade de atuar como professor e a minha esposa como merendeira na Extensão Escolar Avá-Canoeiro, na qual inclusive os meus filhos estavam matriculados durante os períodos de um ano e seis meses.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Tema Contextual, Respeito, Línguas, Culturas.

ABSTRACT

In this text I present the experiences of social and pedagogical life that I and my family had with the Avá-Canoeiro people, when I had the opportunity to act as a teacher and my wife as a merendeira in the Avá-Canoeiro School

1 Licenciado no Curso de “Educação Intercultural” (Ciências da Linguagem) pela Universidade Federal de Goiás e Especialista em “Educação Intercultural e Transdisciplinar: Gestão Pedagógica”, pela mesma Universidade. É aluno do Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras e Linguística, também da UFG. Aldeia Wiriaotãwa, MT, Brasil. E-mail: ikaapyawa@gmail.com.

Extension, in which even my children were enrolled during the one-year and six-month periods.

KEYWORDS: Education. Contextual Theme. Respect. Languages. Cultures.

O Avá-Canoeiro, conforme a classificação linguística dos povos indígenas do nosso país, é um povo que pertence à família linguística Tupi-Guarani, do tronco Tupi, que hoje se encontra dividido em duas comunidades, nas duas áreas distintas e distantes uma da outra, sendo que uma dessas comunidades se encontra junto com o povo Javaé, em aldeias próximas ao município de Formoso do Araguaia, no estado de Tocantins, e a outra no município de Minaçu, no estado de Goiás.

Exatamente com essa comunidade Avá-Canoeiro do estado de Goiás é que eu e a minha família tivemos oportunidade de conviver durante o período de 01 ano e 06 meses, eu, na minha atuação como professor, e, a minha esposa, como merendeira na Extensão Escolar Avá-Canoeiro-Ikatote, que se encontra em sua aldeia. Só pelo fato de eu dizer ou usar o termo Extensão deu para perceber que ainda não é uma escola como já existem nas demais aldeias de outros povos indígenas. Na verdade é uma extensão do Colégio Estadual Ministro Santiago Dantas, que é um dos colégios da cidade de Minaçu-GO.

Então por meio deste artigo quero contar de forma resumida, além das experiências vivenciadas com essa comunidade, as necessidades que levaram os Avá-Canoeiro a lutarem pela implantação de uma escola em sua aldeia.

Conforme depoimento das próprias pessoas dessa comunidade, sobretudo dos jovens, essa necessidade de ter uma escola em sua aldeia surgiu a partir do momento em que eles viram e perceberam que precisavam aprender e dominar os códigos das escritas, tanto de sua língua materna, quanto da língua portuguesa, para registrar os saberes sociais, culturais e linguísticos do seu povo, e também para elaborar certos tipos de documentos para lutar pelos seus direitos à terra, assim como também para aprender a elaborar bilhete e carta, que eles precisam para interagir e se comunicar com a sociedade não indígena, principalmente com a FUNAI e a SESAI, com quem eles mantêm contato no dia a dia.

Inclusive Trumak Avá-Canoeiro, que é um dos jovens dessa comunidade, sempre tem sonhado de um dia ser motorista na sua comunidade, justamente para dirigir os veículos que pertencem ao

seu povo. Mas, para tornar esse sonho em realidade, ele precisava estudar para aprender a ler e a escrever, e assim posteriormente concorrer em um concurso e tirar carteira de habilitação para ser motorista.

Então, essa escola pela qual eles vêm sonhando e lutando, além de atender a essas necessidades citadas, tem o papel de atender também à situação sociolinguística do seu povo, já que hoje existe casamento interétnico em sua comunidade. Ou seja, os filhos que Niwathima Avá-Canoeiro e Kapitomy'i Apyãwa (Tapirapé) têm, além de aprender a falar, precisam aprender também as escritas e estruturas gramaticais das três línguas que são faladas pelos seus pais: língua Avá-Canoeiro, língua Apyãwa (Tapirapé) e o Português.

Na verdade, essas necessidades já vêm sendo vistas e conhecidas desde muitos anos atrás pela FUNAI, que infelizmente nunca tomou providências e iniciativa na implantação de uma escola na aldeia deles, mesmo sabendo que é um dos direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988.

No entanto, em 2016, conseqüentemente depois de muita luta persistente por esses direitos, eles conseguiram entrar em acordo e contar com a parceria da SEDUCE (Secretaria de Estado de Educação e Cultura) de Goiás, e trazer pelo menos uma extensão do Colégio Ministro Santiago Dantas para sua comunidade, obviamente tudo para começar, já que muitos anos se passaram sem eles terem a probabilidade para iniciarem os seus estudos, desde quando completaram sete anos de idade, conforme as normas e a seqüência de estudos que se segue no ensino fundamental.

Depois que a Extensão Escolar Avá-Canoeiro-Ikatote foi oficializada pela SEDUCE do estado de Goiás, uma equipe passou a realizar algumas reuniões na aldeia Avá-Canoeiro para se pensar e discutir a contratação dos professores para atuar nesse ambiente educativo. E na verdade pensaram na contratação de três professores que podiam atuar em cada uma das línguas citadas anteriormente. Ou seja, um (a) professor (a) da língua Avá-Canoeiro, outro (a) da língua Apyãwa (Tapirapé) e um (a) também da língua portuguesa.

Justamente em uma dessas reuniões meu nome foi citado pela Professora Dra. Mônica Veloso Borges (UFG) para ser um desses professores que eles estavam querendo, isto é, professor da língua Apyãwa. Ela não apenas citou meu nome, mas também falou um pouco das experiências que ela enquanto professora teve comigo durante 05 anos no curso de graduação, tanto nas etapas efetivamente realizadas

na UFG, quanto nas etapas das Terras Indígenas em Tapi'itãwa, principalmente durante elaboração do Projeto Extraescolar e do Estágio. Além dessas experiências tivemos mais outras durante dois anos no curso de Especialização, que também acontecia na UFG e nas etapas das Terras Indígenas em Tapi'itãwa. Tanto é que ela é professora orientadora, desde 2007, do Comitê Apyãwa do Curso de Educação Intercultural da UFG.

Inclusive ela sabia que eu tinha outras formações em outros cursos, como no curso do Ensino Médio do Projeto Aranowa'yão “Novos Pensamentos” e no curso de Magistério Intercultural - Habilitação dos Professores Indígenas Apyãwa. Assim como também sabia que, desde o ano de 2008, eu vinha atuando como professor na Sala Anexa da Escola Indígena “Estadual Tapi'itãwa”, na aldeia Wiriaotãwa, sempre com a turma multisseriada. Com essas experiências nos meus estudos e nos meus trabalhos então ela acreditava que eu daria conta de trabalhar com os alunos Avá-Canoeiro na Extensão Escolar Avá-Canoeiro-Ikatote.

Como todos que estavam presentes nessa reunião, sobretudo, os Avá-Canoeiro, concordaram para que eu atuasse com a língua Apyãwa, a professora Niwathima com a língua Avá-Canoeiro e a professora Guiomar com a língua portuguesa e a minha esposa como merendeira nessa Extensão Escolar Avá-Canoeiro-Ikatote, então, ao receber o convite, eu e minha família tínhamos que deixar a nossa aldeia e a nossa comunidade para ir trabalhar junto com os Avá-Canoeiro.

Durante esse período de 01 ano e seis meses os meus filhos estavam matriculados nessa extensão escolar. Tudo para mim foi uma nova experiência, pois em minha comunidade nunca trabalhei em sala de aula com três línguas e com três professores ao mesmo tempo. Assim como também nunca trabalhei com EJA (Educação de Jovens e Adultos) e com turma dos alunos no Infantil, apesar de eu sempre trabalhar com a turma multisseriada, de 2º a 4º anos do ensino fundamental, em minha comunidade Apyãwa, na aldeia Wiriaotãwa.

Mas diante disso as nossas metodologias sempre nos ajudaram para efetivação de uns bons trabalhos durante as semanas de aulas. Ou seja, em toda sexta-feira, na parte da tarde, depois da aula, nós três professores sentávamos para rever e repensar o nosso planejamento para os próximos dias de aulas da semana. Na verdade nesses momentos nós três professores discutíamos os avanços e as

dificuldades dos alunos nos conteúdos trabalhados e, a partir disso, nós repensávamos o nosso planejamento para as próximas aulas. Com isso nós aprendemos que planejamento de aulas nunca pode estar fixo ou parado. Ele precisa estar sempre ativo e acompanhando o ritmo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Além disso, em toda elaboração do nosso planejamento de aulas tínhamos que preparar as atividades dentro dos mesmos conteúdos do tema contextual para cada uma das três turmas de alunos que se encontravam em salas de aulas, sempre levando em consideração os seus ritmos de aprendizagem. Por exemplo, conforme os conteúdos trabalhados, além de construir e trabalhar por meio dos joguinhos de figurinhas e de imagens dos peixes, aves, caças, plantas, insetos, acompanhadas por vogais escritas na língua Avá-Canoeiro e na língua Apyãwa, nós tínhamos momentos de cantar musiquinhas e contar historinhas para os alunos do ensino infantil em relação aos lugares, pássaros, peixes, rios, lagos e igarapés que eles conheciam. Tínhamos até momentos de andar em alguns lugares com eles justamente para mostrar-lhes os lugares e os seres vivos que nós tratávamos nas historinhas e nos conteúdos estudados.

Em alguns lugares era até necessário parar por algumas horas, pois eles pediam para nós contarmos novamente algumas historinhas que contávamos para eles em sala de aulas. Dava para nós percebermos que os passeios, musiquinhas, historinhas, imagens e as ilustrações não serviam apenas para facilitar aprendizagens dos alunos sobre as vogais estudadas, mas sim possibilitavam também os entendimentos deles sobre alguns conhecimentos ligados aos conteúdos estudados, e, portanto, sempre levávamos essas metodologias e esses mecanismos pedagógicos em consideração.

Enquanto os alunos de ensino infantil realizavam esses estudos e desenvolviam essas atividades, os alunos do ensino fundamental ficavam encarregados de estudar as sílabas das línguas Avá-Canoeiro, Apyãwa e portuguesa. Alguns textos e ilustrações também eram produzidos por eles a partir das informações obtidas nas pesquisas realizadas sobre os temas contextuais. Assim como também algumas discussões eram feitas durante as apresentações dos trabalhos dos alunos em relação aos conteúdos estudados.

Dos quatro alunos da EJA que frequentavam as aulas, somente Niwathima Avá-Canoeiro conseguia ler e produzir textos nas línguas Avá-Canoeiro, Apyãwa e portuguesa. Por sua vez, dois desses alunos da EJA, que são Trumak Avá-Canoeiro e Kapitomy'i

Tapirapé, começaram a aprender escrever e ler as sílabas e algumas palavras nas três línguas acima referidas. Assim como também Iawi Avá-Canoeiro começou a aprender escrever e ler algumas sílabas das línguas Avá-Canoeiro, Apyãwa e portuguesa. Esses quatro alunos da EJA que frequentavam as aulas em sala de aulas sempre contribuía bastante para o desenvolvimento das atividades, transmitindo suas ricas experiências de vida social, cultural e linguística.

Na verdade os alunos da EJA que frequentavam as aulas em salas de aulas e os alunos do ensino fundamental sempre desenvolviam as atividades e discutiam sobre os mesmos de maneira conjunta e dialógica. Isso sem falar das idosas, Nakwatxa Avá-Canoeiro, Matxa Avá-Canoeiro e Tuia Avá-Canoeiro, também alunas da EJA, que devido a algumas dificuldades não podiam frequentar as aulas como os demais alunos, mas participavam e contribuía com as aulas nos transmitindo os conhecimentos sobre os temas contextuais durante as pesquisas realizadas. Abordarei da participação e da contribuição delas com mais detalhes nos desenvolvimentos das aulas, posteriormente.

O Iawi Avá-Canoeiro costumava ir participar das nossas aulas do início até na hora do intervalo. Na hora do intervalo, para sair da sala de aula, ele sempre nos comunicava com muita educação, dizendo que ia para casa preparar almoço e que voltaria a participar só na aula do seguinte dia. Nós, enquanto seus professores, entendíamos e reconhecíamos muito bem esses direitos dele, pois sempre levávamos em consideração os seus costumes socioculturais e sociolinguísticos.

Em outras palavras eu posso dizer de maneira explícita que a educação que estávamos construindo tinha que respeitar e seguir o ritmo da realidade sociocultural deles. Assim como eu costumava ressaltar na minha discussão: “Construir uma educação para os Avá-Canoeiro deve ser com a participação ativa deles, para que essa educação de fato respeite e siga os ritmos da organização sociocultural e sociolinguística deles”.

Todas as nossas aulas baseavam-se na realidade e nos conhecimentos sociais e culturais deles. Tanto é que todos os temas contextuais trabalhados nos semestres do ano letivo eram com os conhecimentos do povo deles. Ou seja, no primeiro semestre do ano letivo de 2016, nós trabalhamos com os temas contextuais “História do Povo Avá-Canoeiro” e “Ciclo de Vida do Povo Avá-Canoeiro”,

e, no segundo semestre, nós trabalhamos “Território do povo Avá-Canoeiro” e “Queimadas”.

No primeiro e no segundo semestres do ano letivo de 2017, nós trabalhamos os seguintes temas contextuais: “Rio e Lagos da Terra Indígena Avá-Canoeiro” e “Roça de Toco”. Em todas as aulas nós três professores sempre estávamos juntos nas salas de aulas, atendendo e ajudando os alunos na superação de suas dificuldades. Nós organizávamos os dias das nossas aulas da seguinte maneira: segunda-feira (Guiomar), terça-feira (Iranildo), quarta-feira (Niwathima), quinta-feira de manhã (Guiomar), quinta-feira da tarde (Iranildo), sexta-feira de manhã (Niwathima) e sexta-feira de tarde (planejamento de aulas).

A importância de estarmos juntos ao mesmo tempo em sala de aulas era porque nem sempre, principalmente os meus filhos, entendiam as explicações de atividades feitas em português pela professora Guiomar. E nem sempre eles reconheciam palavras usadas pela professora nas atividades. Então tive que estar sempre lá para fazer tradução dessas palavras que surgiam nas atividades e para fazer explicações das atividades para eles na língua Apyãwa. Assim como também nas aulas da Professora Niwathima, eu e a professora Guiomar tínhamos que estar sempre presentes para ajudá-la na execução de suas aulas, já que ela estava apenas iniciando a sua experiência de ser professora, ao mesmo tempo em que também era aluna da Extensão. Para não interferirmos muito nas aulas dela, sempre esperávamos que ela chamasse a gente para ajudá-la.

Durante explicação das atividades trabalhadas, nós sempre buscávamos exemplificar para os alunos por meio das palavras escritas principalmente na língua Apyãwa e na língua Avá-Canoeiro e por meio de desenhos feitos na lousa. A gente percebia que as explicações das atividades em três línguas simultaneamente contribuíam muito com as aprendizagens dos alunos. Na maioria das vezes, conforme as nossas orientações nas atividades, os alunos produziam seus próprios textos e elaboravam as ilustrações dos mesmos no papel chamex, no cartaz e depois de apresentações. Essas ilustrações juntamente com textos eram expostos nos varais da escola. Algumas atividades eram feitas individualmente e as outras eram feitas em grupo. Com os alunos da turma infantil nós trabalhávamos mais por meio de joguinhos de sílabas da língua Apyãwa e por meio de ilustrações acompanhadas por vogais, também da língua Apyãwa.

Além de obter as informações sobre os temas contextuais com os alunos Avá-Canoeiro que frequentavam as aulas em sala de aulas, como Iawi, Trumak e sua irmã Niwathima, nós sempre realizávamos pesquisas em busca de mais informações. E era principalmente nessas ocasiões que envolvíamos a participação das idosas (alunas da EJA) nas aulas. Mas antes sempre preparávamos os nossos planejamentos de pesquisas em que as questões a serem feitas para entrevistados (as) eram contempladas. Também sempre entrávamos em contato com eles antes de ir fazer essas pesquisas, pois nem sempre eles ficavam dispostos para receber visitas e para realizar esses tipos de trabalhos. Principalmente, quando Iawi ficou doente e foi hospitalizado em Goiânia, elas ficaram muito tristes e então era muito difícil a realização das pesquisas com elas.

Inclusive, conforme a cultura delas, todos os dias, às 13 horas ou às 14 horas, elas tinham que fazer uma roda de pajelança no interior da casa por algumas horas. E nesses momentos ninguém podia chegar até a casa onde elas estavam reunidas, pois era muito perigoso. Segundo elas, nessa ocasião, muitos espíritos e até mesmo a alma dos parentes deles que já faleceram se juntavam na casa. Então na hora em que elas realizavam essa cerimônia nós não íamos e não realizávamos entrevistas, mas sempre buscávamos realizar outras atividades, dentro ou fora da sala de aulas.

Nakwatxa era uma dessas idosas que mais contribuía com as nossas aulas de pesquisas com as informações que elas nos davam durante as pesquisas que realizávamos na roça e na beira do córrego Pirapitinga, que se encontra bem próximo da aldeia delas. E todas as informações que elas nos passavam eram gravadas no celular e depois a tradução para o português era feita pela Niwathima e pelo Trumak. Durante as pesquisas na roça e no córrego Pirapitinga, Nakwatxa ia contando para nós todos os tipos de conhecimentos que ela tem sobre plantas, peixes, pedras e até mesmo sobre o córrego Pirapitinga. Ou seja, ela não se limitava a apenas dar as respostas para as nossas perguntas, mas contava tudo que ela lembrava, a partir dos lugares por onde passávamos.

Por exemplo, além de contar sobre as plantas da roça, as regras de plantar cada uma delas, época de colheita, ela contava para nós os tipos de frutas que elas comiam além das plantas da roça, e os tipos de plantas medicinais que usavam para tratamentos das doenças que elas tinham antes de entrar em contatos com a sociedade Maira (não indígena). Em alguns lugares era preciso sentar para

ouvir as histórias que ela nos contava. Dava para perceber que, na realização das pesquisas, nesses diferentes lugares, Nakwatxa conseguia se lembrar de mais coisas. Contava para nós os lugares por onde elas andaram em busca de suas alimentações e em busca de refúgios quando eram perseguidos pelos madeireiros, garimpeiros e fazendeiros. Era sempre uma aula de muita aprendizagem com ela e com todos os outros envolvidos.

Elas sempre nos recebiam com abraços e carinho quando íamos realizar pesquisas com elas e também quando íamos visitá-las nas manhãs e nas tardes dos dias. A Matxa e a Nakwatxa, por exemplo, sempre ficavam muito felizes com a nossa presença na casa delas, principalmente com a presença dos meus filhos. Gostavam de me dizer que gostariam de ficar com um dos meus filhos quando a gente voltasse para nossa aldeia. Na maioria das vezes, durante as pesquisas realizadas na casa delas, elas se emocionavam com a nossa presença, pois se lembravam de seus parentes que foram massacrados pelos fazendeiros, madeireiros e garimpeiros. Então na maioria das vezes nós não chegávamos a terminar a entrevista, respeitando a dor que elas sentiam ao se lembrar dos seus parentes. Inclusive essas situações nos deixavam tristes também.

Para quem sabe a história dos Avá-Canoeiro, sabe o quanto eles sofreram as violências brutais e cruéis dos invasores de sua terra. Eu me recorro que na primeira visita que fizemos para elas, Matxa, que tem problema de visão e que estava deitada na rede, pediu para que sua neta Niwathima pedisse para o meu filho Xawapa'i para chegar até ela. A sua neta então, por muito respeito que tem por ela, pediu para o meu filho ir até ela. No momento em que o meu filho se aproximou dela, ela pegou no braço esquerdo dele e foi passando a mão da cabeça até o rosto dele. Quando ela pegou no *temekwāra* (tembetá, que é um enfeite labial) que ele estava usando no seu lábio inferior, ela disse para Niwathima que um dos seus filhos usava esse tipo de enfeite também. Ao se lembrar disso, ela se emocionou e disse que gostaria que o meu filho visitasse ela todos os dias. Niwathima então disse para ela que levaria o meu filho todos os dias lá para visitá-la.

Todas elas e Iawi mais os seus filhos Trumak e Niwathima eram sempre bem carinhosos com a minha família. Assim, eu e a minha família também tínhamos carinho por eles. Todos os dias de manhã e à tarde Iawi, Nakwatxa e Tuia iam nos visitar em nossa casa. Nós os recebíamos com muito respeito e carinho, sempre oferecendo

algo para eles comerem. Antes de ficar doente Iawi levava mel de abelha, abóbora, inhame e macaxeira para nós.

Ou seja, um costume que eles estavam deixando de usar ou praticar devido à imposição dos funcionários da FUNAI e da SESAI, porque, diante da imposição da cultura não indígena por essas pessoas não indígenas, Niwathima não podia receber algo dos seus pais, mesmo que fosse de presente. Muito menos pegar algo da casa deles e vice-versa, porque, se isso acontecia, era uma grande confusão na aldeia deles. Já presenciamos várias discussões dos funcionários da FUNAI e da SESAI com eles em relação a esses fatos. E por causa disso nem todos os dias Niwathima e até mesmo nós íamos visitar as idosas, apesar delas pedirem para nós irmos visitá-las todos os dias.

Devido a esses e a outros problemas é que eu e a minha família resolvemos sair de lá e voltar para nossa aldeia no dia 22 de novembro de 2017, pois, ao invés de sermos apoiados e ajudados, sofremos muitas humilhações, sobretudo, do chefe da FUNAI de Minaçu e de um dos motoristas da SESAI que trabalhava na aldeia Avá-Canoeiro. É que na verdade o chefe da FUNAI começou a se sentir incomodado com a presença da minha família na aldeia Avá-Canoeiro, quando Niwathima e seu irmão Trumak começaram a tomar frente em busca de seus direitos, principalmente para fazer suas próprias compras nos mercados e nas lojas com os recursos que eles recebem de FURNAS, por meio de seus projetos PAAC e PECIAC. Esses recursos são transferidos por FURNAS diretamente para a FUNAI, que trabalha com eles.

O chefe da FUNAI percebeu que, a partir dos nossos trabalhos e das nossas orientações na Extensão Escolar Avá-Canoeiro-Ikatote, Niwathima e seu irmão Trumak começaram a reconhecer e a buscar esses seus direitos. Inclusive eles pegaram de volta os cartões de sua tia Nakwatxa e de sua avó Matxa que se encontravam nas mãos do próprio chefe da FUNAI, porque desde sempre é a FUNAI que carregava esses cartões e eram eles que faziam compras para os Avá-Canoeiro, usando como sua justificativa que são eles “indígenas de recém-contato”, mesmo sabendo que Niwathima e Trumak já têm muita noção e conhecem muito sobre as coisas da cidade.

A própria Niwathima nos contava que, quando ela ia junto com o chefe da FUNAI nos mercados e nas lojas, muitas roupas e produtos que ela escolhia para levar eram tirados, pois ele dizia que ela não tinha direito de escolher nada, apenas podia acompanhá-lo nos lugares onde fazia compra para elas. Assim como na maioria

das vezes o chefe da FUNAI me dizia que eu não tinha direito de vir à cidade sem avisá-lo. Tanto é que ele já discutiu várias vezes comigo por causa desses fatos. Ele não disponibilizava o veículo para nós fazermos os trabalhos escolares na cidade. Durante todos os períodos que eu e a minha esposa trabalhamos na Extensão Escolar Avá-Canoeiro fazíamos viagem da aldeia para a cidade de Minaçu com o carro da SESAI.

Na cidade eu e a professora Guiomar andávamos a pé para comprar materiais escolares, para tirar xérox de alguns documentos e até mesmo para pegar merenda escolar, que carregávamos sozinhos e na mão. Eu sempre voltava para a aldeia Avá-Canoeiro muito cansado, pois o centro da cidade de Minaçu e o Colégio Ministro Santiago Dantas ficam muito distantes da casa da professora Guiomar. A FUNAI nunca cumpriu as suas obrigações e deveres, mesmo sabendo que em uma das reuniões realizadas na aldeia Avá-Canoeiro o próprio Chefe durante a sua fala prometeu que deixaria o veículo disponível para atender a minha família, no caso quando precisássemos.

Era comum o chefe da FUNAI me dizer em nossas discussões que a minha família não tinha direito a nada na terra indígena Avá-Canoeiro. Inclusive, fazia de tudo para nos mandar embora para nossa aldeia. Em uma das nossas discussões ele até chegou a me dizer que eu só estava atrapalhando os trabalhos dele, quando respondi dizendo para ele que eu desconhecia os trabalhos aos quais ele se referia, mas que pelo contrário eu sabia que os Avá-Canoeiro são muito manipulados por eles.

A relação comunicativa da minha família com os Avá-Canoeiro era muito interessante, pois nem todos eles se comunicavam com a gente em português. Por exemplo, os únicos que se comunicavam com a gente em português eram Iawi, sua esposa Tuia e o seu filho Trumak. Já Nakwatxa e Matxa se comunicavam conosco em Avá-Canoeiro. E por sua vez Niwathima conversava conosco em Apyãwa (Tapirapé). No início nós encontramos algumas dificuldades para entender algumas falas da Nakwatxa e da Matxa quando elas conversavam conosco na língua Avá-Canoeiro, porque existem algumas palavras que são bem diferentes das palavras da língua Apyãwa. Mas aos poucos nós fomos aprendendo e então conversávamos tranquilamente. Elas conversavam conosco na língua Avá-Canoeiro e nós na língua Apyãwa.

Os meus filhos foram os primeiros a aprender a língua Avá-Canoeiro, tanto é que às vezes eles conversavam principalmente com a Nakwatxa na língua Avá-Canoeiro. Assim como também o Iawi e o Trumak conseguiam falar na língua Apyãwa com a minha família. Um dos fatos que me preocupavam muito era a comunicação da Niwathima com seus filhos, pois ela usava somente a língua Apyãwa para conversar com eles e não sua língua materna, o Avá-Canoeiro. E inclusive eu já conversei com ela sobre essa questão, dizendo que a língua do seu povo estava seriamente ameaçada de extinção, e que, para garantir o futuro dessa língua, ela precisava conversar com seus filhos no dia a dia por meio dela para que eles possam aprender também e assim mantê-la fortalecida e viva.

Para conclusão deste relato quero ressaltar que as experiências vividas, construídas e aprendidas durante os períodos que moramos e trabalhamos junto com o povo Avá-Canoeiro contribuíram muito com a minha vida e com a minha formação, pois hoje a minha maneira de planejar as aulas, desenvolver as atividades, avaliar as aulas e desenvolvimentos dos alunos é completamente diferente, em comparação com os que costumava fazer antes. Inclusive hoje a partir dos temas e dos conteúdos trabalhados tenho costume de construir juntamente com os alunos os materiais pedagógicos para trabalhar com eles.

Vejo que essas experiências contribuíram também na vida da minha família, pois hoje a minha esposa e os meus filhos estão muito motivados nos estudos e também sempre me dando forças e apoio nos meus estudos e trabalhos. Uma das lindas experiências que a minha família hoje desenvolve diante de sua relação com outras pessoas é estar sempre dispostos a ajudá-las, assim como acontecia entre nós com os Avá-Canoeiro, sempre na base de respeito, amor e carinho.

Foto 1 – Alunos e alunas da Extensão Escolar Avá-Canoeiro Ikatote.



Fonte: Iranildo Arowaxe'o'i Tapirapé.

Foto 2 - Eu dando aulas.



Fonte: Guiomar Silva.

Foto 3 – Aula da Extensão Escolar Avá-Canoeiro Ikatote.



Fonte: Mônica Veloso Borges.

Foto 4 – Texto produzido pela aluna Niwathima Avá-Canoeiro, em língua Avá-Canoeiro.



Fonte: Mônica Veloso Borges.

Recebido para publicação em julho de 2018.

Aceito para publicação em julho de 2018.